

Dos desvios e das transformações: histórias e
narrativas do Curso de Especialização da ECA/USP
(1984-2001)

*About deflections and transformations: stories and
narratives of the ECA/USP Specialization Course
(1984-2001)*

Guilherme Nakashato*

* Doutor em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professor de Arte do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/Campus São Paulo), São Paulo, SP, Brasil. Av. Nove de Julho, 40 - sala 4E, CEP 01312-000, São Paulo, SP. E-mail: nakashato@ifsp.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4163-3616>

Resumo |

O texto apresenta uma análise sobre histórias e narrativas do Curso de Especialização em Arte/Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que esteve ativo entre 1984 e 2001, fundado pela Profa. Dra. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa e pela Profa. Dra. Regina Stela Barcelos Machado. Procura estabelecer um estudo histórico de seu desenvolvimento na universidade e refletir sobre sua importância no cenário de transformações da área de Arte/Educação nas últimas décadas no país. Além disso, o estudo busca compreender as proposições formativas promovidas por este curso de pós-graduação lato sensu que, potencialmente, impulsionou o desenvolvimento de seus alunos, alguns dos quais, posteriormente, seguiram suas próprias pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, e ingressaram na carreira acadêmica, tornando-se formadores de arte/educadores. Para tanto, foram realizadas análises de documentos dos arquivos da Comissão de Cultura e Extensão Universitária da ECA e do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação (NACE/NUPAE), bem como relatos das fundadoras citadas.

Palavras-chave: Arte/Educação. Curso de Especialização em Arte/Educação da ECA/USP. História da Arte/Educação no Brasil.

Abstract |

The text presents an analysis of stories and narratives of the Specialization Course in Art/Education of the Escola de Comunicações e Artes of the Universidade de São Paulo, which was active between 1984 and 2001, founded by Dr. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa, and Dr. Regina Stela Barcelos Machado. It seeks to establish a historical study of its development in the university and to reflect on its

importance in the scenario of transformations in the area of Art/Education in the last decades in the country. In addition, the study attempts to understand the formative propositions promoted by this lato sensu postgraduate course that, potentially, stimulated the development of its students, some of whom subsequently pursued their own research, at the master's and doctoral level, and entered the academic career, becoming art/educators themselves. To this end, analyzes of documents from the archives of the Comissão de Cultura e Extensão Universitária da ECA and the Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação (NACE/NUPAE) were carried out, as well as reports of the two founders mentioned.

Keywords: Art/Education. Specialization Course in Art/Education of the ECA/USP. History of the Art/Education in Brazil.

*No caminho, as crianças me enriqueceram
mais do que Sócrates.
Pois minha imaginação não tem estrada.
E eu não gosto mesmo de estrada.
Gosto de desvio e de desver.*

Manoel de Barros

Introdução

Este texto nasceu a partir de dois valiosos estímulos: um deles foi a pesquisa de doutorado, concretizada na tese **Das estradas e dos desvios**: o Curso de Especialização da ECA/USP (1984-2001) e a formação do professor de arte, defendida no PPGECA-USP em 2017; o segundo, foi o Seminário “Histórias da Arte/Educação: diálogos com Ana Mae Barbosa”, um evento que marcou a força e a relevância da luta dessa grande pesquisadora brasileira, realizado no Instituto de Artes da Unesp, em 2016 (antes, portanto, do término da pesquisa propriamente dita). Naquela altura, a tese estava em processo de desenvolvimento, incluindo o que identificamos como “poética do desvio”, aprendida com o poeta Manoel de Barros. E por que desvio?

O senso comum associa o “desvio” como algo forçoso, como se ameaçasse uma trajetória tida como correta, acertada e precisa. Mas o poeta nos ensina que desviar não é necessariamente negativo: pode ser entendido como o ato de descoberta de uma nova rota, um novo horizonte, um novo aprendizado. Então, desvio não é erro, é potência de transformação. Na precisão instrumental dos dicionários, encontramos o desvio como “[...] ato ou efeito de desviar” ou “[...] mudança do caminho, da direção ou da posição normal [...]” (HOUAISS, 2001), significados que podem contribuir para repensarmos o conceito,

mas ainda distante da sutil beleza de Manoel de Barros. Explorando mais o verbete, deparamo-nos com uma preciosa pista: “[...] desobediência consciente e voluntária a alguma regra linguística com a finalidade de produzir determinado efeito estilístico [...]”, referindo-se ao campo da Ciência da Linguagem (HOUAISS, 2001). Contudo, a provocação poética permite-nos entender, então, o desvio de maneira mais potente: como desobediência consciente que enfrenta aquilo que está estabelecido, com o desejo de modificá-lo e deixar de ser o que é. Por isso, é transformação. E aprendizado.

A inspiração originada em Manoel de Barros marcou a pesquisa de doutorado sobre o Curso de Especialização em Arte/Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1984-2001) – como lembrança do encantamento e da imaginação necessária para podermos enxergar o mundo com olhos diversos. Um olhar que não se prende à fixidez do verniz que acetina a realidade, mas que a desvela e nos faz “desver” uma paleta de cores e formas novas, para que assim possamos enxergar novamente a riqueza de nossa vida e de nossa história. O filósofo Paul Ricoeur (2010) refletiu sobre a necessidade da imaginação poética como recurso para a composição de uma narrativa coerente com a história: não é na racionalidade, mas na poesia que reside a potência de se narrar o presente (RICOEUR, 2010, v. 1, p. 90).

Para referenciar uma pesquisa que pretendeu apresentar um conjunto histórico-narrativo sobre o Curso de Especialização em Arte/Educação da ECA/USP, iniciado na década de 1980, consideramos fundamental a poética do desvio como desejo inexorável de transformação do ensino da arte como saber essencial para a formação de uma sociedade crítica e atuante diante de suas circunstâncias contextuais. Em outras palavras, que forças foram necessárias para

criar uma pequena, mas decisiva difração da grande corrente da educação em que, a exemplo do Conselho Federal de Educação (atual Conselho Nacional de Educação), nos termos do Parecer CFE nº 540/77, o ensino da arte nas escolas não deveria ser tratado como uma disciplina, mas como [...] “uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses” (BRASIL, 1977)? Essa é a ênfase do presente texto: analisar a história de um curso de especialização que abriu novos caminhos para a arte/educação, incluindo sua admissão como área de conhecimento, lutando pelo seu lugar na sociedade e na academia. Para tanto, apresentaremos o que a pesquisa fez emergir dessa história por documentos e depoimentos, compondo uma narrativa rica e profunda dos esforços coletivos que possibilitaram o surgimento e desenvolvimento do referido curso de especialização.

Para tratar diretamente desse fragmento da história, o estudo baseou-se em duas nascentes principais de informação: arquivos documentais e narrativas captadas em entrevistas. Da primeira nascente, revolvemos, selecionamos e analisamos materiais escritos localizados em pesquisa de dois arquivos: o da Comissão de Cultura e Extensão Universitária da ECA (CCEU/ECA) e o do extinto Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação (NACE/NUPAE), localizados atualmente no Departamento de Artes Plásticas da ECA (CAP/ECA). A segunda nascente de informações constitui-se da captação de narrativas pessoais, com o objetivo principal de fazermos o levantamento da gênese e do desenvolvimento geral do curso a partir das duas responsáveis pela sua criação: a Profa. Dra. Regina Machado, que coordenou o curso ao longo de seus anos de funcionamento, e a da Profa. Dra. Ana Mae Barbosa, mentora e fundadora do curso. As entrevistas expuseram uma compreensão de três distintas fases do curso, cada qual com suas particularidades

contextuais, conquistas e dificuldades, e que serão apresentadas a seguir.

1ª Fase: um início para a pós-graduação (1984 a 1990)

O curso de graduação com licenciatura em Educação Artística da ECA surge em 1972, em resposta à Lei Federal nº 5.692/71, que institui a disciplina na educação básica em todo território nacional, sendo que o mestrado em Artes da ECA fora credenciado em 1974, e o doutorado em 1980 (PRADO, 2009). Segundo a entrevista concedida por Barbosa, a linha de pesquisa voltada para arte/educação surge entre 1981 e 1982 por sua iniciativa, sendo ela, então, professora da ECA/USP. Logo após sua inserção no Programa de Pós-Graduação da ECA, Barbosa constatou o esvaziamento das turmas que acompanhavam as disciplinas do *stricto sensu*, como consequência do sistema de ingresso dos alunos. Ana Mae Barbosa (2013) recorda:

[...] Eu começo a observar uma coisa: cada um de nós só podia receber apenas dois orientandos, de início, mas todo mundo queria dar curso na pós-graduação. Porque era excitante dar um curso da pós-graduação com poucos alunos etc. Além de dar prestígio para o professor. Naquela época dava prestígio. E eu via os cursos vazios porque o aluno cumpria os créditos e ia escrever sua tese e ficava quatro, cinco anos – naquela época ficava até cinco anos para fazer um doutorado, três anos para fazer um mestrado, fora as prorrogações. E aí o professor ficava dando aula para... Não entrava aluno... Não entrava aluno para preencher os cursos. (BARBOSA, 2013, sem paginação).

O tempo de permanência dos alunos regulares, somado à instauração recente da linha de pesquisa voltada para arte/educação, produziu outro efeito perceptível, o afunilamento de candidatas a pesquisadores que permaneciam fora do programa, em função da baixa oferta de vagas. Machado (2013) comenta: "[...] Você, por exemplo,

queria entrar para fazer pós-graduação. Era muito difícil, porque só tinha Ana Mae e também a própria área não oferecia disciplinas, a não ser a disciplina dela." (MACHADO, 2013, s.n.).

Então, em meio aos esforços para o reconhecimento e desenvolvimento da área de arte/educação em plena década de 1980, período de grandes transformações nas universidades, Barbosa iniciou a criação de um novo modelo de curso, em formato de especialização *lato sensu*, a ser lançado a partir de março de 1984. É admirável a garra e a energia que Barbosa despende não somente para a criação do curso, mas também para a consolidação de toda a área de arte/educação no país. Os anos de 1980 foram de grande ebulição para o ensino da arte, com o crescente olhar crítico sobre a disciplina de Educação Artística, a preocupação com a formação e qualificação dos professores de arte e o surgimento de entidades representativas dos arte/educadores em todo o Brasil. Com o esmaecimento da ditadura, os processos de anistia a perseguidos políticos e a renovação da autonomia nas universidades, grupos de educadores liderados por Barbosa organizam eventos marcantes para a história do ensino da arte no país, como a Semana de Arte e Ensino da USP (1980), os três Congressos de História do Ensino da Arte (USP, 1984; UFBA, 1986 e USP, 1989) e a proposta de qualificação dos professores de arte da rede estadual paulista como bolsistas do XIV Festival de Inverno de Campos do Jordão (1983). Além disso, de 1986 a 1993, Barbosa foi diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP, onde desenvolveu projetos significativos na área de educação, ajudando a fortalecer outro campo de atuação para o arte/educador em museus e espaços culturais, dentre os quais destacamos a sistematização do conjunto de experiências práticas e fundamentações teóricas que estruturaram a “abordagem triangular” para o ensino da arte.

A criação de uma linha de pesquisa de Ensino/Aprendizagem no PPG da ECA seria, então, mais uma das conquistas neste período, entre 1981 e 1982. Convém ainda acrescentar que tais ideias e desejos somente saíram do papel com muita luta e energia que Barbosa empreendeu. Em sua narrativa, Barbosa (2013) confirma que assumiu, de fato, seus primeiros orientandos no PPG da ECA, após persistência de sua parte para conseguir, finalmente, o status de professora com dedicação em tempo integral, aprovada por uma banca examinadora, pois sua solicitação fora muitas vezes negada (BARBOSA, 2013). Regina Machado (2013) confirma esse espírito desbravador e enérgico de Ana

Mae Barbosa para a implantação do novo modelo de Curso de Especialização em Arte/Educação:

Ana Mae tinha uma posição na academia que era de abrir espaços para arte/educação. Nunca para ela, isso é uma coisa muito impressionante. Ela, nunca na vida, nunca vi Ana Mae pensar em termos pessoais. Tudo que ela fazia era abrir espaços para a área de arte/educação. E como ela fazia isso? Com muita força e ela fazia tudo que precisava, direitinho. Fazia as articulações, as alianças, ela conhecia todo mundo, ia a todas as reuniões, enfim, ela foi uma pessoa que se fez respeitar, como alguém que se viesse com um projeto, aquilo era aprovado. Foi exatamente o que aconteceu com o Curso de Especialização. Ela fez aprovar esse curso com a força e o poder dela para que essa situação se abrisse. Daí ela foi embora, [...] porque a função dela, na maioria das vezes, é essa: ela abre uma floresta à faca, ela cria uma trilha e depois bota as pessoas nessa trilha para as pessoas continuarem esse trabalho. Na minha experiência, na minha memória, foi isso que aconteceu. (MACHADO, 2013, sem paginação).

Esse é o sentido estratégico que ressaltamos da atitude de Barbosa: já havia uma intenção clara de fortalecer a arte/educação na formação e qualificação de professores de arte, fazendo com que concebessem a proposta de abrigar, no PPG da ECA, um curso novo, dividido em dois módulos, denominados Curso de Especialização de Arte na Educação I e II. Cada um tinha sua terminalidade anual, porém exigia-se, para o Curso de Especialização de Arte na Educação II, no segundo ano, que o candidato tivesse realizado o primeiro ou que lecionasse no ensino superior, enfatizando a qualificação de professores formadores. Além disso, os cursistas deveriam se matricular nas disciplinas oferecidas no PPG stricto sensu para complementar a carga dos cursos, permitindo que estreitassem o contato com o mestrado e o doutorado. Machado (2013) pontua:

Um curso dessa natureza poderia ser como uma abertura de portas a esses alunos que quisessem entrar na ECA/USP e, a partir do fato de fazer as disciplinas no curso, já podiam se familiarizar com o ambiente acadêmico. As disciplinas, no início, valiam créditos para... Por exemplo, se um aluno fosse fazer mestrado depois, as disciplinas que ele fazia no Curso de Especialização poderiam ser aproveitadas como créditos. Era um modo de entrar em contato com os professores da ECA e de ter, por esse meio, uma entrada mais possível ao ambiente da pós-graduação. (MACHADO, 2013, sem paginação.).

Tal motivação constituiu o próprio objetivo e a justificativa registrados na primeira Proposta do Curso de Especialização, encaminhada em 1984. Se não era possível, na época, aumentar a quantidade de vagas para futuros pesquisadores em arte/educação no stricto sensu, a especialização foi a solução encontrada para aumentar a chance de ampliar o quadro discente, mesmo que fosse para outras linhas ou áreas de concentração de pesquisa. Assim está expresso na Proposta de curso extracurricular, aprovado pela Congregação da ECA, conforme consta nos Objetivos do curso, de 1984:

O problema dos alunos especiais se agrava à medida que eles se multiplicam e aumenta muito pouco o número de professores orientadores. Cada ano se torna mais doloroso enfrentar a longa fila de candidatos à Pós-Graduação, que praticamente terminaram seus créditos como alunos especiais. Para resolver o problema, proponho que cada Departamento da ECA organize para 1984 pelo menos dois Cursos de Especialização. A ideia seria aproveitar a infraestrutura curricular da Graduação e da Pós-Graduação acrescentando-se Seminários e Cursos específicos. (PROPOSTA..., 1987, sem paginação).

Portanto, a proposta para a especialização em arte/educação considerava os créditos de disciplinas para complementação do próprio curso e, caso o cursista fosse aprovado posteriormente no

mestrado ou doutorado, poderia aproveitá-los. Com isso, procurava-se facilitar o contato dos cursistas com o ambiente acadêmico de pesquisa e aproximá-los de outros professores que potencialmente poderiam tornar-se orientadores, mesmo que transitando em áreas distintas à Arte/educação. Conforme avalia Ana Mae Barbosa (2013):

Acho que fomos bem-sucedidos neste primeiro momento, porque muita gente conseguiu lugar para... Orientador. Muita gente conseguiu orientador. [...] Além da área de arte/educação, que era eu sozinha. Então, por exemplo, uma foi para um sujeito extremamente exigente, muito inteligente, que é o Ciro Marcondes. Ele peneirava orientando dele. [...] Teve gente que conseguiu no Teatro, teve gente que conseguiu em Música, fazendo alguma coisa interdisciplinar... (BARBOSA, 2013, sem paginação).

De fato, nas narrativas e na apuração dos documentos arquivados há indicação de casos que confirmam que o estreitamento com o *stricto sensu* pode realmente ter facilitado a formação de pesquisadores acadêmicos na área. Maria Lúcia Batezat Duarte, aluna das primeiras duas turmas, afirmou em entrevista que conseguiu entrar no mestrado da ECA, sob a orientação de Ciro Marcondes, por influência do Curso de Especialização (DUARTE, 2015, sem paginação). Em relação às turmas de 1984 a 1990, na primeira fase do curso, do total de sessenta e sete alunos aprovados, dezoito prosseguiram até o doutorado, e seis até o mestrado, perfazendo vinte e quatro ex-alunos que obtiveram titulação *stricto sensu*, ou seja, 35,8% dos formados. Ainda podemos refinar mais os dados, se considerarmos apenas os que cursaram o PPG *stricto sensu* na ECA: onze dissertações de mestrado (entre 1989 e 2001, praticamente metade do total de titulados) e oito de doutorado (entre 1995 e 2002). Em relação às áreas dos PPGs cursados pelos ex-alunos, os dados ampliam a abrangência: entre os mestrados, oito são da área de Artes, oito de Educação, sete de

Comunicação e uma de Arquitetura; quanto aos doutorados, seis são de Artes, seis de Comunicação, quatro de Educação, uma de Multimeios e uma de Psicologia.

A partir dos dados sobre os ex-alunos que obtiveram titulação *stricto sensu*, podemos entender que alguns poucos conseguiram entrar no PPG da ECA logo após terem finalizado o Curso de Especialização, contudo uma parcela significativa, 35,8%, o fizeram em vários outros PPGs ao longo de suas vidas profissionais e acadêmicas. Podemos verificar, ainda, que além da área de Artes, as de Comunicação e de Educação também foram procuradas pelos cursistas, ratificando a informação de que havia poucas vagas para Artes, se levarmos em conta o baixo número de orientadores e de PPGs que incluíam a área de arte/educação. Então, mesmo com todas as dificuldades, os ex-alunos interessados em prosseguir seus estudos acadêmicos, perseveraram na busca de seus sonhos, e o fato de terem vivenciado a Especialização nesse período pode ter sido realmente o elemento incentivador para a luta.

Retomando a análise da implantação do Curso de Especialização, outro ponto de destaque é o perfil de público ao qual se destina o curso, pois além de fomentar futuros pesquisadores para atuar na academia, considerava ainda a importância de oferecer uma qualificação consistente para o docente de sala de aula, interessado no aprofundamento de suas experiências. Assim, o foco de público para o primeiro ano do curso eram pessoas que possuíam, segundo informações do item Requisitos para a matrícula no curso:

[...] diploma de Licenciatura Plena em Artes Plásticas ou qualquer diploma de curso superior apresentando também prova de que leciona ou lecionou Artes Visuais por no mínimo 2 anos em qualquer grau e até em situação extracurricular ou em ensino informal. (PROPOSTA..., 1987, sem paginação).

Recordamos que o panorama das licenciaturas em Artes Plásticas, vinculadas à Educação Artística a partir de 1971, era relativamente escasso, e que havia vários professores com outras formações ministrando aulas de Educação Artística nas escolas, sendo assim compreensível a abertura de interessados com algum diploma superior, desde que envolvidos no ensino de arte, mesmo em situação de educação não formal (“informal” como indicado na proposta citada). Já era esperado e valorizado o profissional que optara por outros projetos de ensino de arte como as Escolinhas de Arte espalhadas em várias regiões do país, ateliês especializados ou até mesmo o educador de espaços museológicos e expositivos. Essa decisão não circunscrevia o curso apenas para os iniciados das licenciaturas em Artes, mas ampliava o acesso a todos os docentes ou profissionais que lidavam com os questionamentos artísticos e educacionais em suas atividades.

No caso do segundo ano do curso, passava-se a exigir que o candidato tivesse realizado o módulo I ou tivesse “[...] diploma de curso superior e prova de lecionar ou ter lecionado Artes Visuais no mínimo dois anos em instituição de ensino superior [...]” (PROPOSTA ..., 1990a, sem paginação), focando a qualificação daqueles que já estavam na situação de formadores de professores. Além disso, para ambas as entradas, os candidatos eram submetidos a um exame de admissão prévio que consistia na tradução de uma página de texto em inglês (principalmente em função da escassez de textos de referência escritos ou traduzidos para a língua portuguesa), e uma dissertação sobre tema relativo à arte/educação. As exigências de entrada permaneceram inalteradas nesta primeira fase, de 1984 a 1990.

A organização curricular tinha características peculiares pela forma como o curso fora concebido. Existiam duas ou mais disciplinas

comuns obrigatórias em cada segmento anual, sendo que uma tratava de fundamentos da arte/educação e outra buscava um diálogo entre arte/educação e as outras disciplinas em que cada aluno se matriculava, em geral com formato de seminários. Uma terceira disciplina de história do ensino da arte (esta do PPG stricto sensu da ECA) era também registrada como obrigatória. Então, as disciplinas optativas que o aluno poderia, em tese, escolher livremente, entre as ofertadas pelo PPG stricto sensu da ECA, seriam complementadas com as obrigatórias, resultando em um curso especificamente construído para cada um. Isso também ressaltava a característica única desse modelo de curso, cujas condições, naqueles anos de 1980, conferiam, à USP, ser uma das raras instituições universitárias que tinham como comportar um curso dessa natureza. Em entrevista, porém, Ana Mae Barbosa (2013), Ana Mae Barbosa frisou que as escolhas eram realizadas por meio de uma carta de autorização emitida pela coordenação do curso ao professor selecionado, cabendo a este a aceitação ou não do aluno (BARBOSA, 2013, sem paginação).

Em 1990, o curso enfrenta sua primeira reformulação estrutural e passa a ser ofertado como módulo único anual e não mais em dois cursos em dois módulos separados. A estrutura curricular também foi visivelmente modificada, mantendo-se a disciplina de Seminários e sendo ofertada a disciplina “Arte na educação escolar e na educação do educador”, ministrada por Maria Heloísa Ferraz nesta edição. Os ofícios DDC/CAP nº 25/90, CAP nº 121/90, e ECA/ATA nº 401/90 confirmam, ainda, a substituição de uma das disciplinas optativas do stricto sensu por “A Metodologia Triangular na formação do professor de arte” (1990), ministrada por Regina Machado. Podemos, nesse ponto, extrair dois destaques: um deles é a pesquisa de Ferraz, juntamente com Maria F. de Rezende e Fusari, que lhes rendeu as publicações *Arte na educação escolar* e *Metodologia do ensino de arte*,

ambas lançadas em 1991 e de ampla aceitação tanto nos cursos de Licenciatura em Educação Artística, quanto nos de Pedagogia; e o outro destaque, relativo à menção da Abordagem Triangular, cuja grande divulgação é disparada pela 1ª edição do livro *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*, também de 1991, como resultado da tese de livre-docência de Ana Mae Barbosa, de 1990. Ou seja, no ano de 1990, os alunos foram especialmente expostos em primeiríssima mão por pesquisas de ponta no campo da arte/educação, cujos resultados foram devidamente publicados, debatidos e refletidos nos anos subsequentes, evidenciando o empenho e o ardor de se multiplicar os questionamentos das práticas vigentes no ensino de arte.

A edição do curso de 1990, como dito, foi a primeira a ser concebida como módulo único de um ano, e também foi a última em que os alunos poderiam optar em cursar alguma disciplina do *stricto sensu*. Em sua narrativa, Ana Mae Barbosa (2013) afirma que, apesar dos resultados positivos do Curso de Especialização e do apoio da direção da ECA, sempre houve alguma oposição do corpo docente, pelo fato de se trabalhar com professores e educação. Esse conflito foi aumentando a cada reunião anual da Congregação da ECA para a provação do curso, até que se tornou inviável sua continuidade nos moldes iniciais. Após 1990, a primeira edição em que não houve uma continuação, o Curso de Especialização passou por uma nova reformulação, desta vez radical, já que não mais integrava o PPG *stricto sensu*.

2ª Fase: foco no professor de arte (1991 a 1997)

Ao distanciar-se do *stricto sensu*, os alunos do Curso de Especialização não mais puderam ter contato direto com potenciais professores orientadores daquela modalidade, mas, por outro lado, o

curso se redefiniu a partir das pesquisas mais recentes do campo da arte/educação, evidenciada pelas inserções de disciplinas novas como, na edição de 1990, “Arte na educação escolar e na educação do educador” e “A Metodologia triangular na formação do professor de arte”. Ou seja, aproximaram-se mais de uma estrutura previamente programada para realinhar os cursistas para as reflexões mais atuais que estavam agitando o campo da arte/educação da época. Além disso, manteve-se, na especialização o caráter preparatório para o *stricto sensu*, como ambiente de maturação de potenciais pesquisadores, que se destaca na narrativa de Barbosa (2013): “Era já em outra fase da Especialização [...]. Então, quando eu via que o aluno era bom, era inteligente, mas era cru, eu mandava fazer a especialização. Então, para nós, isso foi muito rico [...]” (BARBOSA, 2013, sem paginação.). Inevitavelmente, essas alterações incidiram diretamente no perfil do ingressante do novo modelo de curso, conforme destaca a educadora:

[...] Acho que mudou muito o perfil quando a Regina começa o novo curso. Aí vem o professor de sala de aula, que pretendia apenas realmente se aperfeiçoar e ter um título a mais para ganhar mais um dinheirinho no seu emprego... Entretanto, não estava pretendendo mestrado, nem doutorado. [...] Pessoal que não tinha um interesse em mestrado e doutorado. Mas apareceu muita gente que depois foi fazer mestrado e doutorado. Mas mesmo assim, eu continuei mandando – quem vinha para mim crua, eu mandava para Regina (BARBOSA, 2013, s.n).

O perfil dos ingressantes acabou mudando com a transformação do Curso de Especialização. Se, por um lado, atraía interessados na titulação como forma de avançar na carreira ou implementar o salário de profissional, a fala de Barbosa também indica o interesse do cursista pelo aperfeiçoamento docente voltado para a sala de aula; além de ainda conservar um espírito de preparação para o *stricto sensu*, mesmo que não tão enfaticamente como no modelo anterior do curso. Os

documentos de propostas dos cursos passam a registrar de maneira mais direta as exigências mínimas para ingresso, em geral solicitando apenas que fossem professores de arte.

As alterações nos objetivos do curso de 1991 também refletem a nova postura, voltada, agora, para o professor de arte, definida na Proposta de curso extracurricular aprovado pela Congregação da ECA constante no Arquivo CCEU/ECA, nos termos de “[...] propiciar uma experiência significativa de formação [...]”, garantindo a “[...] atualização do professor no que diz respeito ao ensino e à produção de Arte [...]”, aprofundando “[...] questões relativas à aprendizagem e ao caráter criador da prática pedagógica bem como da natureza do objeto artístico [...]” e reposicionando a “[...] Arte como disciplina dentro do currículo” (PROPOSTA..., 1990). Fica claro a natureza epistemológica e política que se procura desenvolver no novo curso, agora baseado em experiências construídas junto aos alunos e preocupado com a renovação do pensamento e da prática de um arte/educador comprometido com seu papel e com a arte na educação. Esses objetivos expressos são repetidos com poucas variações nas propostas de curso de 1992 a 1998.

Na segunda fase, apresenta-se constituído por um núcleo de três professoras do Curso de Especialização: Regina Machado (coordenadora e, desde 1987, professora efetiva da ECA), Maria Christina de S. L. Rizzi e Rosa Iavelberg, sendo que as duas últimas haviam feito o Curso de Especialização na fase anterior (Rizzi em 1984 e 1985, e Iavelberg em 1986 e 1990). Nessa época, tanto Rizzi quanto Iavelberg, ainda não eram professoras efetivas da USP, apenas vinculadas à especialização da ECA. Durante o período de 1991 a 1997, houve apenas duas interrupções: em 1993 suspendeu-se o curso devido a um convênio inconclusivo com a Fundação para o

Desenvolvimento da Educação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (FDE) e em 1996, pela impossibilidade estrutural de oferta do curso.

A “abordagem triangular” do ensino da Arte, em seus três eixos – o fazer artístico, a leitura e a contextualização – integrados ao desenvolvimento da pessoa, passaram a circular entre as disciplinas do curso, evidenciado por suas denominações e programas. A rigor, antes o fazer artístico não estava integrado às disciplinas obrigatórias (o cursista vivenciava-o caso se matriculasse em disciplinas optativas dessa natureza), exceto na práxis das disciplinas de formação, em especial as ministradas por Regina Machado. Contudo, depois da reformulação do curso, uma disciplina dedicada passou a ser um componente constante no curso, explícito em “Desenvolvimento do processo criador do professor dentro da prática artística” (1991 e 1992), “Oficina de Artes Plásticas para professores” (1993). O eixo da leitura estava associado à disciplina de “Apreciação da obra de arte” (1991 e 1992), enquanto o da contextualização estava integrado ao componente “Produção, leitura e história da Arte” (1994), que claramente faz alusão aos três eixos da “abordagem triangular”.

Com relação à proposta de 1995, os arquivos da CCEU/ECA não dispõem especificamente quais eram as disciplinas dos cursos, pois este item foi suprimido nos documentos de proposta de curso extracurricular a partir de 1992 (quando aparecem são ofícios e outros registros anexos às propostas). Os cursos dos anos de 1995 e 1997 tiveram suas propostas devidamente aprovadas no arquivo da CCEU/ECA, além das respectivas listas de frequência e notas dos alunos, confirmando, assim, suas realizações.

O trabalho de fundamentação de Regina Machado continuou ao longo desses anos com as disciplinas “Reflexões sobre os conceitos

relativos à Arte e ao ensino da Arte” (1991 e 1992), “Fundamentos e função do professor de arte-educação” (1993) e “Fundamentos do ensino da Arte” (1994 e 1995), além da disciplina “Projeto de conclusão de curso”, incluída em 1997 para a elaboração da monografia da especialização. A entrada de Christina Rizzi foi marcada pela inserção da disciplina “O ensino da Arte em museus: o percurso do apreciador”, em 1991, associada ao seu trabalho, desenvolvido no Museu da Casa Brasileira, que resultou em sua dissertação de mestrado, *Leitura de fragmentos: relato de uma experiência completa a partir de um acervo incompleto* (1990), sob orientação de Barbosa e defendida em 1990. Outra versão dessa disciplina fora apresentada em 1994, com a denominação “O ensino da arte na instituição museológica”.

Programada inicialmente para 1996 e concretizada em 1997, uma nova forma de organização curricular foi posta em prática, incluindo tópicos específicos de música e dança, mesmo que de forma intensiva e optativa. Considerando que, nesse período da década de 1990, depois de muitos debates com ampla discussão sobre o futuro da área, em razão da elaboração das novas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), a fragmentação formativa e insuficiente da polivalência foi colocada em xeque pela comunidade dos arte/educadores, e as modificações implantadas acompanharam a necessidade de dialogar com profissionais do ensino de arte de todas as linguagens artísticas.

Constam em documentos do arquivo NACE/NUPAE, de 1996, as evidências de uma primeira tentativa de desagregar o Curso de Especialização do departamento, oferecido em “convênio” ao NACE/NUPAE (surgido em 1994), o que poderia modificar os procedimentos de aprovação e dar mais liberdade para sua coordenação. O ofício CAP nº 311/96, de 13 de dezembro de 1996, da

chefia do CAP à diretoria da ECA, revela que houve uma nova reunião extraordinária do Conselho de Departamento, em que se decidiu que

[...] esse curso não deverá ser oferecido em coautoria com o NACE, que a Profa. Regina [Machado] será responsável pelo mesmo, e que o Departamento não se responsabilizará por salas de aula, materiais/equipamentos e técnicos de audiovisual etc.” (CONSELHO DE ARTES PLÁSTICAS, 1996b, sem paginação).

Outras exigências, segundo o mesmo Ofício, como “currículos dos professores, que necessitam de formação acadêmica compatível com o nível do curso (lato sensu), ementas de programas, bibliografias adequadas etc.” (CONSELHO DE ARTES PLÁSTICAS, 1996b), permaneceram sem resolução, gerando “o emperramento do processo de autorização de funcionamento do curso, que passou a ser a nível de [sic] Especialização” (CONSELHO DE ARTES PLÁSTICAS, 1996b, sem paginação).

Além disso, o mesmo documento confirma que o curso havia sido oferecido por “[...] onze anos ininterruptos pelo CAP [...]”, em uma situação de disposição de um único curso de graduação, “Licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas” (CONSELHO DE ARTES PLÁSTICAS, 1996b), sem a oferta do curso desde já um ano. O impasse foi resolvido em 1997, e o curso retomou suas atividades com nova estrutura naquele ano, mas somente na edição de 1998 é que passou ao NACE/NUPAE. Uma nova mudança se fez necessária ao final de 1997: como apresentado anteriormente, após uma tentativa de vincular o Curso de Especialização ao NACE/NUPAE em 1996, foi apenas na edição de 1998 que passou a ser totalmente gerido pelo núcleo, partindo para sua terceira e última fase.

3ª Fase: NACE/NUPAE (1998 a 2001)

Os NACEs surgiram por volta da década de 1990, após a consolidação do Regimento Geral da Universidade de São Paulo, estabelecido pela Resolução USP nº 3.745, de 19 de outubro de 1990, ainda em vigor. Os artigos 53 a 61 do Regimento orientam sobre a constituição dos Núcleos de Apoio (NA), conforme consta no art. 53, “[...] órgãos temporários, reunindo docentes de uma ou mais Unidades, em torno de um programa definido para desenvolver as atividades-fins da Universidade [...]” (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1990, sem paginação), podendo ser caracterizados como: Núcleo de Apoio à Pesquisa (NAP), Núcleo de Apoio ao Ensino de Graduação (NAG), Núcleo de Apoio Ensino de Pós-Graduação (NAPG) e Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão, de acordo com a identificação do programa a ser desenvolvido, no art. 55 do Regimento, sabendo-se que os NAs terão seus próprios conselhos deliberativos, forma de escolha de coordenação e regimento (art. 56).

Assim como, em 1983/84, Ana Mae Barbosa e Regina Machado conceberam e concretizaram a providencial ideia de criar um Curso de Especialização em Arte/Educação frente às demandas da área, a criação de núcleo dentro da ECA para a consolidação da área de arte e educação também foi uma proposição estratégica, que daria maior autonomia em relação às decisões departamentais. O depoimento de Ana Mae Barbosa concedido a Fábio José Rodrigues da Costa apresenta-nos seu entendimento sobre o impacto de um Núcleo de Apoio frente aos departamentos:

Então o que me preocupou de repente foi o NACE. Eu estava no Conselho Universitário representando os museus quando surgiu, houve uma mudança no Regimento da

Universidade de São Paulo [...]. Eu estava no Conselho e as discussões foram excelentes e se criou uma possibilidade de Núcleos de Pesquisa e Núcleos de Cultura e Extensão Universitária. Porque o que se verifica hoje é uma ditadura do catedrático antes, agora tem a ditadura do departamento e formar grupos de trabalho interdisciplinar e interinstitucional. Foi uma ideia avançada a proposta do novo regimento da USP do fim dos anos 80. Acho que foi 1989. Então se criaram os núcleos. Eu optei, eu estava fascinada com essa ideia de fugir da ditadura do departamento, de não ter que pedir permissão ao departamento, submeter a um grupo de sete/oito pessoas que às vezes era absolutamente contra a Arte/Educação. O Departamento de Artes Plásticas da USP era extremamente contra a Arte/Educação, achava que Arte/Educação era uma bobagem. Então, não os diretores, os chefes do departamento, pelo contrário, Walter Zanini sempre foi uma força de apoio a tudo o que eu fazia. [...] Mas eu achei uma ótima oportunidade e criei o Núcleo de Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação, inclusive bastante inspirado no Núcleo de Cultura e Extensão em Promoção da Saúde na Educação (BARBOSA apud COSTA, 2007, p. 357-358).

O NACE/NUPAE, Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Promoção da Arte na Educação, portanto, foi um órgão de integração que funcionou entre 1994 e 2009, sediado inicialmente no Museu de Arte Contemporânea (Art. 1º do Regimento do NACE/NUPAE), e que tinha por objetivos principais:

1. Desenvolvimento de estudos e investigações: promover, gerenciar e executar projetos de desenvolvimento de novos conhecimentos para atender a demandas colocadas pelo MAC ou instituições governamentais e não governamentais, inclusive privadas, sempre dentro da Promoção Arte na Educação e assuntos correlatos.

2. Capacitação e Transferência de Tecnologia: desenvolver cursos, treinamentos, seminários inclusive aprofundando o intercâmbio técnico-científico-artístico entre instituições no país e no exterior, e outras atividades dentro do escopo de especialização e atualização de quadros para diferentes

atividades concernentes à área de Promoção da Arte na Educação.

3. Gerenciamento de Informações: desenvolver e implantar banco de Dados sobre Arte na Educação, visando propiciar acesso aos diferentes tipos de informação.

4. Estimular a integração e a participação de Instituições de Ensino da Arte das Redes Escolares e de Órgãos Culturais para o desenvolvimento de atividades conjuntas na área de atuação do núcleo. (REGIMENTO NACE/NUPAE, 1993, s.n.).

A abrangência de atividades do núcleo era grande: pesquisa, ensino, promoção de eventos e integração de propostas junto às redes de ensino e às instituições culturais, potencializando os vários caminhos sobre os quais a arte/educação vinha se debruçando em debates e reflexões acerca de seu futuro. De fato, nos arquivos do NACE/NUPAE, além dos documentos referentes ao Curso de Especialização, vários outros foram encontrados e que dizem respeito aos diversos projetos que o núcleo produzia.

O NACE/NUPAE é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e, tecnicamente, sua avaliação é submetida a esta instância da USP – mesmo que pelo intermédio da CCEU/ECA. Dessa forma, é compreensível que, dada a constituição do NACE/NUPAE a partir de 1994, com a Resolução USP nº 4.082/94 (Arquivo NACE/NUPAE, 1994), ainda haja um período de transição até a desvinculação do Curso de Especialização do processo de reconhecimento e autorização anual pela ECA, o que explicaria as lacunas de informações nos arquivos da CCEU/ECA com relação às edições de 1995, 1996 e 1997. O curso permaneceu com a denominação de “Curso de Especialização em Arte-Educação”, em 1998, contudo, em 1999, passou a adotar em sua proposta a designação de “Curso de Especialização em Ensino, Arte e

Cultura”. Isso condiz com uma nova identidade que se construía com a integração ao NACE/NUPAE, conforme a Introdução do Projeto:

A Arte em todos os níveis educacionais: pré-escolar, 1º e 2º graus e universitária vem se confrontando, nos últimos dez anos, com uma mudança radical de paradigma. A introdução da Arte na escola, ocorrida no início do século XX, respondia aos cânones de valor do modernismo:

- Criatividade como originalidade.
- Arte como liberação de emoções e o “deixar fazer”. Hoje a contemporaneidade vê a arte como uma alfabetização cultural para os universitários de qualquer especialidade e, embora nas escolas de 1ºs e 2ºs graus o ensino da arte continue reforçando principalmente a expressividade, tem-se encaminhado para a valoração da apreciação estética, operando o ideal pragmatista de John Dewey, associando educação artística com educação estética. Um ensino da Arte como proposto pelo NUPAE, pensado como alfabetização cultural via códigos artísticos, desenvolve o pensamento crítico dos indivíduos e assume lugar preponderante na Educação, possibilitando o exercício da cidadania e a capacidade de processar e selecionar informações, resultando no desenvolvimento da capacidade de criação e iniciativa do povo como também a inserção consciente e produtiva no processo cultural (PROJETO DE CONSTITUIÇÃO do NUPAE, s/d, p. 2).

A partir dessa matriz conceitual, alinhou-se, o Curso de Especialização, na nova fase de qualificação do professor, para os temas mais emergentes das pesquisas em arte/educação naquele momento, destacando a valorização e a abrangência do pensamento de Dewey, a educação artística aliada à educação estética, a capacidade de criação de forma crítica e pertinente ao contexto do indivíduo e sua integração aos processos culturais.

Seguindo a análise dos materiais recolhidos de 1998 e 1999, no que diz respeito às disciplinas, o curso manteve-se na linha que vinha explorando na fase anterior, baseado nas pesquisas sobre a “abordagem triangular”, além dos estudos sobre as mudanças advindas pela Lei Federal nº 9.394/96 (LDBEN), refletindo-se nos Parâmetros e

Orientações Curriculares Nacionais lançadas pelo Ministério da Educação (MEC) nos anos subsequentes, temas de disciplinas específicas ministradas por Rosa Iavelberg. Assim, tanto em 1998 e como em 1999, ocorreram as disciplinas em comum: “Fundamentos teóricos-poéticos do ensino da Arte” (Regina Machado), “Apreciação da obra de arte” (Christina Rizzi), “Oficina do fazer artístico” (Stela Barbieri) e “Introdução à história da Arte” (Paulo Machado). Apenas a disciplina de Rosa Iavelberg sofre mudanças entre um ano e outro: “Parâmetros Curriculares Nacionais na sala de aula” (1998) e “Formação prática e teórica do professor de Arte: o ensino da Arte na instituição escolar” (1999).

Esse conjunto de disciplinas acarretaria um novo perfil de professor, que busca sua qualificação, também em virtude das incertezas da nova LDBEN, ainda em calorosos debates entre os professores. Dos registros de 1998 e 1999 ainda consta, como requisito de entrada para o curso, que os candidatos sejam professores de arte de 1º, 2º ou 3º graus ou coordenadores pedagógicos, e a duração continuava de 360 horas, distribuídas pelas disciplinas de março a novembro de cada ano.

Paradoxalmente, em meio às grandes mudanças do contexto geral do ensino da arte com a nova LDBEN, a integração das várias propostas desenvolvidas pelo NACE/NUPAE e a busca por qualificação dos professores de arte, o curso acabou por ser encerrado após a formação da última turma em 2001. Barbosa (2013) indica, senão motivos, elementos agravantes que comprometeram a continuidade de curso. Primeiro, a questão das titulações que o docente para um curso lato sensu deveria possuir para tal dedicação. Também temos de considerar outros fatores citados: falta de espaço na ECA, professores envolvidos em outros projetos, exigências de titulação de seu corpo docente e a dificuldade de recursos, geraram as circunstâncias que

levaram à finalização do curso e que, posteriormente, acarretaram a própria dissolução do NACE/NUPAE, em 2008/2009.

Em 2008, é confeccionado um relatório final das atividades do NACE/NUPAE pela coordenação e vice-coordenação (Regina Machado e Christina Rizzi), apontando as características de suas ações e projetos desenvolvidos e focando na situação financeira e patrimonial do núcleo, cujos bens foram transferidos ao Departamento de Artes Plásticas da ECA.

Considerações finais

Ao longo de seu funcionamento, o Curso de Especialização em Arte/Educação da ECA/USP configurou-se em um dos exemplos mais notáveis de esforço programado para marcar a presença do ensino da arte na universidade e na sociedade. Se pensarmos nas estradas estabelecidas, até então, na formação de professores, o curso foi um autêntico desvio por novas rotas a serem conhecidas. Em primeiro lugar, seu surgimento esteve relacionado com a criação de uma linha de pesquisa voltada para a arte/educação, pouco depois da implantação do PPG *stricto sensu* da ECA, no início dos anos de 1980. Assim, o curso fortaleceu o reconhecimento acadêmico da área de arte/educação, constituindo um reconhecido centro de formação e de pesquisa no país.

A especialização permitiu, também, o acesso e a preparação para a pesquisa de futuros alunos do PPG *stricto sensu* da ECA voltados para as relações entre Arte e Educação e ampliou as possibilidades de formação de mestres e doutores que, de alguma forma, dedicaram-se à arte/educação em um cenário desfavorável com pouquíssimos professores orientadores. Também se pode considerar que o curso buscou otimizar o aproveitamento da capacidade instalada nas

disciplinas oferecidas pelo PPG de Artes Visuais da ECA. Podemos inferir ainda que, ao promover a qualificação de arte/educadores que atuavam profissionalmente, o curso buscava despertar os alunos para as lutas que estavam em efervescência no campo do ensino da arte durante a década de 1980, principalmente em um centro mobilizador como era a USP. O NACE/NUPAE esteve integrado ao vívido panorama do ensino da arte, tanto politicamente quanto em termos de pesquisa. Mesmo com tantas modificações ao longo da história do curso, permaneceu o desafio aos arte/educadores de fazerem a diferença em seus locais de atuação, impulsionando-os em novos e audaciosos desvios, desejosos de futuros caminhos a serem compartilhados.

Não podemos esquecer, ainda, do caráter de abertura (de possibilidades, de encontros, de descobertas, de achados e de reflexões...) que o curso ofereceu para cada cursista e também para seus professores, dada a ampla variedade de disciplinas que foram desenvolvidas ao longo dos anos, todas vinculadas às pesquisas de cada docente. Assim, tanto as teorias de fundamentação da arte, da educação e da arte/educação, quanto a vivência intensa de experiências significativas permitiram a transformação individual e coletiva das pessoas que se arriscaram a embrenhar-se por novos caminhos nascidos dos desvios, em meio ao mato fechado do preconceito e da ignorância, muitas vezes abertos com luta e resistência.

Aliás, no nosso atual contexto de 2019, diante da desconstrução e desmobilização da educação e da arte/educação, luta e resistência continuam a ser as pautas mais importantes de professores, estudantes e profissionais da educação. Que as histórias e experiências do Curso de Especialização em Arte/Educação da ECA/USP possam se tornar inspirações para todos aqueles que realmente têm sua agenda voltada

para a formação de uma sociedade crítica, menos desigual e mais humana.

Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Entrevista concedida a Guilherme Nakashato**. São Paulo, 29 out. 2013. No prelo

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999

_____. (org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARROS, Manoel. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRASIL. Parecer do Conselho Federal de Educação nº 540 de 10 de fevereiro de 1977. **Sobre o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no art. 7º da Lei nº 5.692/71**. Brasília, 1977.

Disponível em:

<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/7_Gov_Militar/artigo_013.html>. Acesso em: 29 dez. 2013.

CONSELHO DE ARTES PLÁSTICAS. **Ofício CAP nº 304/96**, Arquivo NACE/NUPAE, 1996a.

CONSELHO DE ARTES PLÁSTICAS. **Ofício CAP nº 311/96**, Arquivo NACE/NUPAE, 1996b.

COSTA, Fábio José Rodrigues da. **Didáctica de las artes visuales: una proposición postmoderna**. 2007. Tese (Doutorado em Artes) - Universidad de Sevilla, Sevilha (Espanha), 2007.

DESVIO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. **Entrevista concedida a Guilherme Nakashato**. 18 dez. 2015. No prelo

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F. de Rezende.

Metodologia do ensino da arte. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Arte na educação escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, Regina Stela Barcelos. **Entrevista concedida a Guilherme Nakashato**. 29 jul. 2013. No prelo

NAKASHATO, Guilherme. **Das estradas e dos desvios: o Curso de Especialização da ECA/USP (1984-2001) e a formação do professor de arte**. 2017. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PRADO, Gilbertto. Breve relato da Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA-USP. **Revista Ars**. PPGAV, ECA/USP, ano 7, n.13, São Paulo, 2009, p. 88-101.

PROJETO DE CONSTITUIÇÃO DO NUPAE. **Projeto de constituição do Núcleo de Promoção da Arte na Educação (NUPAE)**. Localizado em: Arquivo NACE/NUPAE, s/d.

PROPOSTA DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO, 1990. Curso de extensão universitária – especialização ‘Arte na educação I’. **Arquivo CCEU/ECA**, Pasta nº 90.1.582.27.3, abertura em 27 de julho de 1990, 1990a.

PROPOSTA DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO, 1990. Curso de extensão universitária – especialização ‘Arte na educação I e II’, sob coordenação da Profa. Dra. Anna Mae Tavares Bastos Barbosa. **Arquivo CCEU/ECA**, Pasta nº 90.1.522.27.0, abertura em 02 de julho de 1990, 1990b.

PROPOSTA DE CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO, 1987. Curso de Arte educação I e II, a nível de especialização pelo período de março a dezembro de 1988/89. **Arquivo CCEU/ECA**, Pasta nº 87.1.395.27.5, abertura em 03 de dezembro de 1987, 1987.

REGIMENTO NACE/NUPAE. **Arquivo NACE/NUPAE**, 1993.

RELATÓRIO QUINQUENAL NACE/NUPAE 1994-1999. **Arquivo NACE/NUPAE**, 1999.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. 3 volumes. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Regimento Geral da Universidade de São Paulo**, Resolução USP nº 3.745, 19 de outubro de 1990.

Data de submissão: 19/10/2019

Data de aceite: 05/12/2019

Data de publicação: 29/12/2019